gam as crianças. Em muitos casos, isso leva a uma superexcitação da qual eles não podem mais sair por conta própria.

As crianças precisam da ajuda dos adultos. A leitura é uma ótima maneira de fazer isso. Os pequenos podem acalmar-se e desligar-se mais facilmente. Contar histórias e ler também é perfeito como um ritual noturno para se acalmar e adormecer melhor. O artigo apresentado buscou analisar estratégias sobre a arte de contar histórias, contribuindo de forma significativa para o estabelecimento e evolução da educação infantil, buscando apoio no referido método para fortalecer a educação em todos os sentidos.

5 REFERÊNCIAS

BEDRAN, Bia. A arte de cantar e contar histórias. Nova Fronteira, 2013.

CHAVES, Svetlana da Silva Ribeiro et al. A arte de contar histórias: a literatura infantil como mediação pedagógica. 2010. Dissertação de Mestrado.

COENTRO, Viviane Silva. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E LETRAMENTO LITERÁRIO–POSSÍVEIS CAMINHOS. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

DE OLIVEIRA ALVARENGA, Luzinete Nunes; PEREIRA, Mary Sue. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SEUS DESDOBRAMENTOS.

GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. Construção psicopedagógica, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013.

MOREIRA, CAMILA; GOMES, CAMILA; MARIOTTI, AURORA PENNA JOLY. ERA UMA VEZ: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2012.

TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. 1957.

O ENSINO E A APRENDIZAGEM NO ESTADO DE SÃO PAULO EM MEIO A PANDEMIA COVID 19

CARLA DE SOUZA BUENO

RESUMO

Este artigo tem como finalidade argumentar a situação de milhares de educandos (as) e professores que vêm se adaptando as formas do aprender e ensinar. No contexto atual, torna- se impossível não falar sobre a pandemia que assola o mundo, em virtude de tudo o que ela provocou e provoca. É preciso repensar o futuro da Educação, incluindo uma articulação apropriada entre o EaD (Ensino a Distância) e o Ensino presencial. Estamos vivenciando um novo conceito de educação, uma nova forma de nos relacionar, de vivermos. Tratando com à Educação, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), sabemos que a crise causada pela Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo (UNESCO, 2020). A partir desse número, pergunta-se: qual o futuro da Educação num mundo abalado pelo novo

Corona vírus? Faz-se necessário novas atitudes e empenho para melhoramos o ensino aprendizagem dos educandos (as).

Palavras Chaves: Ensino, aprendizagem, Covid19.

INTRODUÇÃO

A história da educação paulistana se confunde com a própria história da cidadania do Estado de São Paulo. O direito à educação é algo recente e o acesso à escola para pessoas mais vulneráveis só começou a se concretizar nas últimas décadas do século XX, ou seja, mais de quatrocentos anos depois da colonização do país. Na verdade, ainda há um longo caminho a ser trilhado no processo de efetivação do direito à educação de qualidade para todos os cidadãos. Se em um primeiro e longo momento o Estado fechou os olhos para a educação do seu povo, delegando para os jesuítas a função de cuidar das questões educacionais e, posteriormente, para as próprias famílias o poder de educar seus filhos conforme suas condições financeiras e interesses culturais, é apenas a partir de 1930 que os pobres, incluindo neste contexto, negros, índios, imigrantes e a grande maioria das mulheres, começam a usufruir do direito de sentar nos bancos escolares, ainda que as políticas educacionais fixassem objetivos claros em relação à importância de se formar mão de obra.

Quando surgiu a pandemia Covid-19, o mundo parou e não foi diferente no Estado de São Paulo, escolas fecharam e tivemos que nos adaptar ao Ensino Remoto. Aumentando ainda mais a distância dos menos favorecidos com a escola e sua nova realidade. A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário. Se a meta for investir apenas em ferramentas digitais, certamente, contribuiremos para uma piora na aprendizagem dos alunos a curto e a médio prazos.

Mesmo que a economia dos países sofra com a pandemia, os investimentos em Educação devem ser mantidos, quiçá aumentados. Conforme a Unesco, a natural queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias e salários, além do reforço da merenda, melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário usual das aulas e material adicional, quando possível (UNESCO, 2020). Em concordância com a Unesco, o parecer do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação do Brasil, seguiu a mesma linha e reconheceu os problemas causados pela pandemia. O parecer procurou reorganizar as atividades acadêmicas e sinalizou com a permissão para aulas aos sábados – em horários de contra turno e durante as férias –, para que os alunos da Educação Básica não percam o ano letivo e apontou outras medidas semelhantes àquelas já defendidas pela Unesco.

Existem outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades ou na zona rural. Faltam computadores,

aparelhos de telefonia móvel, software e Internet de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EaD que resulte em aprendizagem.

A metodologia que será utilizada durante a pesquisa será a Qualitativa Bibliográfica, pois todo esse trabalho será produzido a partir de busca de matérias pré-publicados tais como livros, artigos e materiais da internet.

1. A EDUCAÇÃO E O COVID 19

É fato que a desigualdade social mantém relações estreitas com a desigualdade educacional, e notamos que os alunos das escolas públicas do Estado de São Paulo apresentam maiores dificuldades para seguir no fluxo normal, reprovam mais e abandonam mais a escola. A defasagem idade-série e os baixos índices de aprendizagem na escola pública contribuem para o aprofundamento da pobreza e da desigualdade. Faz tempo que a educação ofertada nas escolas não contribui o suficiente para a promoção da cidadania e para o fortalecimento da democracia. E assim que surgiu a pandemia do COVID-19 isso só veio à tona para reforçar ainda mais essas desigualdades.

A COVID-19 emergiu do mercado de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019, com um número alarmante de casos, transformando-se numa verdadeira ameaça global. É consensual entre os pesquisadores que a transmissão da COVID-19 é feita de pessoa a pessoa, por gotículas e aerossóis respiratórios, após o contato próximo com uma pessoa contagiada a menos de 2 metros ou o contato direto com superfícies contaminadas. A contagiosidade da doença é extremamente alta, exigindo precaução redobrada por parte dos especialistas da saúde, professores e estudantes, bem como da comunidade em geral, pois a negligência de um pode desencadear em fatalidade coletiva e comprometer o progresso social (Cascella et. al, 2020). Em função disso e de modo a se evitar a propagação da COVID-19, os sistemas educativos em todo mundo não foram poupados, obrigando os governos a adaptação de medidas extraordinárias, como por exemplo proibição de aglomerações e encerramento universalizado das escolas, afetando social e psicologicamente a vida de milhares de cidadãos que delas dependiam direta ou indiretamente.

O conhecimento dos professores com as tecnologias educativas para apoiar o processo de ensino-aprendizagem num contexto de isolamento físico imposto pela COVID-19, tratar-se essencialmente do impacto dessas ferramentas tecnológicas em contextos de crise e como os professores as percepcionam e valorizam no âmbito da sua profissão. Importa referir que o desenvolvimento das ações educativas e de ensino em domicílio foi uma das estratégias adoptadas e recomendadas pelo Estado, durante o estado de confinamento.

Vivemos em um mundo onde as tecnologias conquistaram seu espaço, de tal maneira que não é possível imaginar a vida e também a educação sem utilização das ferramentas tecnológicas existentes. A tecnologia é essencial para a educação, isto é, educação e tecnologia são indissociáveis. Como elas existem massivamente na sociedade, devem ser urgentemente

incorporadas nas estruturas escolares, no sentido de ampliar os níveis de qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Kenski, 2012).

Se o currículo escolar deve servir os contextos tendo em conta as necessidades reais da sociedade em cada tempo (Roldão, 1999), como entender o paradoxo de confiar o progresso social a uma estrutura como a escola, que caminha aquém do desenvolvimento tecnológico?

A presença de recursos tecnológicos aliados a professores bem preparados e extremamente competentes pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino dentro e fora do contexto das salas de aulas, pode alterar visceralmente a natureza do processo educativo e a comunicação entre os participantes, pode contribuir com elevado nível no alcance de aprendizagens de boa qualidade, sem no entanto se descurar a tese, de que elas (tecnologias) por si só não garantem mudança, nem qualidade, sem preexistir mudança e qualidade na maneira do professor conceber e desenvolver a sua prática.

Quando as tecnologias são bem utilizadas, elas provocam transformações, possibilitando a existência e a extensão da escola para outros espaços. Promove a transição do convencional para o digital, contribuindo para a emancipação do professor, no sentido de mediar, instigar, orientar os seus alunos, abrindo-lhes novas e estimulantes possibilidades de aprendizagem, mesmo com os portões da escola encerrados. Nesse mundo digital, é papel fundamental do professor ministrar aulas que sejam dinâmicas, produtivas, interessantes, atraentes e felizes (Julião, 2019).

É papel do professor despertar o apetite e a sede de seus alunos pelo conhecimento dentro e fora do cenário das quatro paredes da sala de aulas. Para alcançar esses objetivos, é imprescindível que se reinvente e se reinvista, se arme de recursos que irão contribuir positivamente para a excelência de suas práticas curriculares dentro e/ou fora dos limites impostos pela escola.

Os educandos (as) de hoje são inseridas aos meios digitais desde muito cedo, e isso os torna diferentes porque estão imersos e têm facilidade com a tecnologia digital, em particular com as mídias sociais como Facebook, WatsApp, Messenger, Twitter, e diversos aplicativos, que utilizam em seus dispositivos móveis (quando possuem). Esses alunos estão sempre “ligados”, vêm para a escola imersos nessas mídias e suas vidas gravitam em torno delas. Desta forma, as escolas e professores estão desafiados a alinharem-se a essa dinâmica, devendo-se criar condições para a inclusão de ferramentas e uso de videoconferência, Podcast, TV, vídeos, filmes, documentários, slides, Google Classroom, etc., contribuindo e facilitando o processo de partilha e aquisição de conhecimentos mesmo em tempos de grandes crises como a COVID-19 ou outras ainda incertas (Bates, 2017).

Novos tempos exigem emergência de novos paradigmas de atuação, novas filosofias de formação docente, outra relação da escola com os alunos, com o mundo em geral e consigo mesma, criando-se a possibilidade de se fazer dela a extensão do mundo, fundada na transição do convencional para o digital.

1.1 O ENSINO REMOTO

Com outras nomenclaturas já está sendo inserida na sociedade acadêmica a algum tempo já. Conhecemos como EaD – Ensino á distancia; Ensino Remoto; Ensino Híbrido. A alternativa do Governo do Estado de São Paulo para o ensino das redes públicas do ano de 2021 será o Ensino Híbrido, por conta das medidas protetivas e de segurança contra o COVID-19 somente 35% dos educandos (as) podem assistir as aulas presenciais por período, os demais alunos irão seguir os estudos pelo Centro de Mídias São Paulo, (aulas on line).

Refletir sobre a educação e o ensino no contexto da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) é desafiante, por ser uma discussão ainda emergente, visto que no espaço/tempo em que este artigo é escrito ainda não se tem uma vacinação em massa e somente 3% dos brasileiros foram vacinados, para combater a disseminação do vírus; mas, também, por estarmos vivenciando processos diversos de adaptação do ensino a essa realidade, processos esses cujas consequências ainda não conseguimos mensurar totalmente, desde a paralisação das aulas presenciais até a adoção do ensino remoto emergencial como alternativa possível para continuar garantindo o acesso ao ensino.

Na contramão do momento histórico, econômico e político, em que há um movimento crescente de negação do conhecimento científico e de precarização das universidades públicas, com o corte de recursos financeiros que garantem o desenvolvimento de pesquisas e o avanço do conhecimento no país, a ciência se torna ainda mais importante e necessária para revelar à sociedade os desafios atuais e anunciar os futuros, decorrentes da pandemia, principalmente no que se refere às questões ligadas à educação e à escola.

O distanciamento social gerou a paralisação das atividades presenciais de ensino em todas as modalidade e níveis formativos, atingindo da criança ao idoso estudante. Através da Portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) substituiu as aulas presenciais por aulas que utilizassem os meios digitais, durante o período de emergência sanitária. A partir da portaria do MEC, muitas outras portarias foram publicadas pelos estados e municípios em cumprimento da determinação desse órgão superior.

Por isso foi criado o Centro de Mídias SP que é uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para contribuir com a formação dos profissionais da Rede e ampliar a oferta aos alunos de uma educação mediada por tecnologia, de forma inovadora, com qualidade e alinhada às demandas do século XXI. Para assim fomentar as tele aulas.

“O ensino híbrido é uma concepção da união do que é feito em sala de aula em uma estrutura física e o que é feito em uma sala online, que é o ensino virtual. Essa metodologia tenta encontrar a melhor maneira de juntar os dois universos que, por essência, têm uma maneira diferente de educar. Há uma tentativa de combinar os melhores recursos de cada um deles para que se tenha um processo mais holístico, amplo e interessante para todos os alunos. ” (SAED Digital acesso 05/02/2021.)

Com o novo coronavírus foi escancarado um cenário a muito tempo já discutido, o de readaptar as escolas, o ensino e aprendizagem, andando junto com a tecnologia e das formas de comunicação usadas pelos educandos (as). Antes tínhamos mais tempo para pensar, testar essas discussões, hoje o assunto é urgente. Devido a necessidade de isolamento social causado pela pandemia.

O processo de adoção da tecnologia com o objetivo de dar suporte a outras estratégias de ensino conta com alguns pontos positivos, como a possibilidade de maior personalização de acordo com as necessidades de cada estudante. O guia apresenta quatro métodos que podem ser adotados, entre eles a sala de aula invertida, conceito no qual os alunos estudam temas em casa ou presencialmente com a ajuda de tecnologias, e as discussões e exercícios são realizados em sala de aula. Há também estratégias de rotação: o professor monta estações de trabalho com diferentes objetivos de aprendizado e os alunos vão passando por cada posto. É possível realizar adaptações para que os estudantes se concentrem em assuntos que têm menos facilidade. (SAED Digital acesso 05/02/2021.).

Considerando as discussões de Behar sobre ensino remoto a autora retrata:

Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas (BEHAR, 2020, online).

A compreensão que se estabelece tanto nas orientações oficiais, quanto na prática pedagógica desenvolvidas pelas instituições escolares é a de que o ensino remoto é uma alternativa emergencial para que o direito à educação seja garantido, mesmo no momento de distanciamento social. Logo, esse ensino não pode ser compreendido e nem confundido com a modalidade de Educação a Distância (EaD), pois o ensino remoto não se configura como modalidade de ensino, mas como possibilidade de ensino diante da realidade imposta pela pandemia.

1.2 MINISTRAR AULA NO ENSINO REMOTO E OS DESAFIOS DE EDUCAR EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19.

O ensino remoto foi inserido no Estado de São Paulo decorrente a pandemia da Covid-19, foi uma necessidade inevitável devido ao isolamento social e consequentemente o fechamento das escolas, impedindo assim as aulas presenciais pelo país e pelo mundo não afetou apenas o direito à educação dos educandos (as), mas também modificou a prática pedagógica que vinha sendo desenvolvida pelos diversos profissionais da educação.

Quando pensamos sobre a docência, a primeira compreensão que temos é a de que o trabalho docente se constitui como uma profissão de interações humanas (TARDIF, 2014). Não há como pensar a efetividade do trabalho docente sem que haja a interação entre docente e discente, que são condições básicas para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça. Assim, quando pensamos no ensino

remoto como umas das experiências de ensino que estão sendo desenvolvidas por diversos professores pelo país, umas das primeiras dimensões que nos perpassa é a necessidade de compreender como tem se construído a interação entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Barbosa e Cunha (2020), ao refletirem sobre o ensino remoto na realidade brasileira e a falácia da garantia do direito à educação que o justifica, consideram que, na realidade das classes populares, "é possível inferir que é contraditório esperar um ambiente que ofereça condições que favoreçam os estudos e aprendizagem, sendo que nem os serviços fundamentais são garantidos" (BARBOSA; CUNHA, 2020, p. 34). Muitos dos educandos e educandas que frequentam as escolas brasileiras têm nesses espaços não apenas o acesso à educação, mas também a alimentação escolar que, para muitas delas, representa uma importante refeição diária. Sem aulas presenciais, muitas crianças estão também enfrentando dificuldades quanto a uma alimentação balanceada e nutritiva.

Entre outras tantas dimensões presentes no ensino remoto é a prática docente do professorado que precisam se reinventar, diante do desafio de educar, ensinar de forma remota s professores precisaram desenvolver o que Nóvoa (1999) chama de auto formação participada, que compreende, na visão do autor, uma perspectiva de formação crítico-reflexiva, em que os educadores, de forma autônoma, vão se formando e formando-se na experiência compartilhada dos outros profissionais professores.

Muitos professores não possuem formação para regência remota e também não houve tempo para essa preparação. Assim foi e está sendo um desafio diário de dar conta nesse contexto totalmente inédito na educação brasileira.

CONCLUSÃO

A pandemia do Covid-19 afetou profundamente o país, em especial o sistema de educação e ensino, no contexto do isolamento social e da paralisação das atividades de ensino presencial por todo o território brasileiro, tornou-se uma necessidade atual, pois as experiências de ensino remoto que estão sendo desenvolvidas nas diversas escolas brasileiras, revelam problemáticas ainda não superadas pela sociedade brasileira, como a desigualdade social gritante existente entre os milhares de estudantes brasileiros, que barram e até podem impossibilitar o desenvolvimento da aprendizagem com qualidade, diante da realidade das aulas remotas. Contudo, também revelam as dificuldades e potencialidades que são vivenciadas pelos professores que estão desenvolvendo a sua prática docente e a regência em um contexto atípico, estranho às suas práticas de outrora.

A necessidade de um investimento na educação é fundamental, também a necessidade de investir na formação dos professores, para suprir os desafios do mundo e dos acontecimentos de hoje. O investimento nas escolas deve ser prioridade dos governos, pois a escola, não só precisa de evolução, como também uma revolução, para sair do seu estatuto de convencional e caminhar transformada digitalmente. A era digital é uma possibilidade de fazer da escola a extensão do

mundo, pelo que está inserida. A tecnologia não é a salvação da educação, nem lhe traz respaldos para busca-la, mas é um bálsamo moderno e impreterível, que abre muitos horizontes mediante aos desafios impostos pelo desenvolvimento global.

Concluo esse artigo evidenciando a necessidade de investimentos na educação brasileira e em como a pandemia do Covid-19 veio para mostrar, escancarar, as desigualdades sociais, as dificuldades dos menos favorecidos e as dificuldades impostas pelas políticas públicas em reverter a situação. Infelizmente muitos educandos (as) não terão as mesmas oportunidades de ensino aprendizado, assim também muitos professores não tem as habilidades e competências para o ensino remoto. Necessitando, portanto, de um grande investimento em todo o sistema educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Otavio Luis; CUNHA, Paulo Giovani Moreira da. Pandemia e a precarização do direito ao acesso à educação. Revista Pet Economia UFES, v. 01, jul. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/31745/21186 Acesso em: 05.FEV. 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Online. Disponível em: https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-oensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a distancia/. Acesso em 20 FEV. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343 de 17 de março de 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17de-marco-de-2020-248564376. Acesso em: 04 FEV. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União , Brasília, DF, 1 jun. 2020.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-

19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: https://pt.unesco.org/news/comissao–futuros–da–educacao–da–unesco– apela–ao–planejamento–antecipado–o–aumento–das. Acesso em: 4 MAR. 2020.